

O MST E A PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA

Nayllane Lima dos Anjos¹
Sávio da Silva Aureliano²
Amanda Gomes dos Santos³
Janicleide Vieira da Silva⁴

RESUMO

O artigo se propôs a abordar o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), de modo que viesse enfatizar a produção agroecológica, em contraposição ao modo de produção agrícola vigente no Estado brasileiro, cujas bases giram em torno do agronegócio, da elite agrária e do capital. Assim, buscou-se mostrar o real objetivo do movimento trazendo de forma contundente uma visão da agroecologia como estratégia de produção alimentar, retratando a mesma para além da dimensão produtiva. Considerando uma relação simbiótica do homem com a natureza e fortalecendo o avanço na qualidade de vida humana, na alimentação saudável, e na diversidade de cultivos sem o uso de agrotóxicos. Portanto, o MST atua na trajetória de luta por soberania alimentar, economia sustentável, e justiça social no meio rural brasileiro, diante das truculências do sistema produtivo que estar posto no campo pelos detentores do poder. Os procedimentos metodológicos adotados concederam-se com a pesquisa exploratória e bibliográfica, e com o artigo correspondendo a natureza qualitativa.

Palavras-chave: Agronegócio, Campo, Soberania Alimentar.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por finalidade apresentar e compreender a organização da produção agrícola do MST, em consonância com a agroecologia. O campo brasileiro é caracterizado pela dicotomia dos modelos agrícolas, de um lado tem o sistema produtivo defendido pelo agronegócio, pela elite agrária e o modo capitalista de produção. Na outra face, há um modelo agrícola que é representado pela produção agroecológica, e realizada pela agricultura familiar camponesa, e apoiada pelo MST em busca da soberania alimentar.

A partir da década de 1970 com a revolução verde, a agricultura camponesa é arruinada pela modernização do campo com os meios tecnológicos implementado para a produção, e assim inicia as técnicas de capital-intensivas. Com a destruição da biodiversidade, êxodo rural, manejo equivocado dos solos, uso intensivos de fertilizantes químicos, entre outros impactos negativos decorrentes da modernização do campo.

¹ Graduanda pelo Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, fabionay11@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, savio.ds@outlook.com;

³ Graduanda pelo Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, amanda.ag260@gmail.com;

⁴ Graduanda pelo Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, janicleide397@gmail.com;

Para tanto, o MST compreende a necessidade da construção política, ideológica e alimentar das famílias assentadas e da sociedade como um todo, para que superem as fronteiras da tecnificação da produção agrícola. Nessa sequência, a agroecologia vem sendo desenvolvida por famílias assentadas, agricultores, como ação ou referência política no enfrentamento da agricultura moderna, sobretudo, com uma perspectiva de formação de relações e valores de solidariedade entre as famílias e o espaço geográfico.

A pesquisa é de natureza qualitativa, abrangendo uma análise bibliográfica acerca dos autores ligados a temática do artigo, que ampliam o pensamento agroecológico tanto no eixo acadêmico e científico, mas como também na realidade dos setores do campesinato. Como podemos observar nas produções de Oliveira, Costa, Borssato, Carmo e o próprio MST, ao contribuírem nos estudos sobre o funcionamento do agronegócio, bem como outros autores que trazem abordagens sobre as lutas que estão presente no agrário.

O objetivo central foi de promover o diálogo da produção agroecológica do MST, perpassando com a soberania alimentar através da agroecologia, ao buscar identificar as relações produtivas no contexto agroecológico, e confrontando com o agronegócio, a elite agrária e o sistema capitalista. No que se refere a organização do artigo, o mesmo foi dividido em três partes: na primeira parte, abordamos a contraposição do MST a produção agrícola do agronegócio, na segunda parte, trataremos da forma como ocorre a produção agroecológica do MST no Brasil e por fim refletiremos o alcance da soberania alimentar por meio da agroecologia.

Logo, é claramente notado que o sistema produtivo defendido pela elite agrária, o agronegócio, as grandes corporações e o sistema capitalista, não promove a soberania alimentar, tão pouco estão preocupados com as questões do campo. O MST e a agroecologia defendem e requerem a sustentabilidade ambiental e social, bem como a soberania alimentar, em que impulsionam uma alimentação saudável da sociedade e a promoção de renda.

METODOLOGIA

Este artigo foi construído a partir da observação realizada acerca da relação existente entre o MST e a Agroecologia, onde leituras já realizadas proporcionou uma inquietação sobre a retratação desta temática. Portanto, para corresponder a respeito da problemática levantada, bem como os objetivos propostos e os resultados, foram utilizados como procedimentos metodológicos a pesquisa exploratória e bibliográfica, sendo o artigo de natureza qualitativa.

Para elucidar tal temática se fez necessário observar com clareza cada ponto, em que muitos questionamentos ainda podem ser desvendados, são nestas prerrogativas existentes, que a pesquisa exploratória se adentra. De acordo com Gil (2008), as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Sendo assim, este artigo poderá também ser base para novas análises.

Portanto, este artigo encorpa uma série de referências bibliográficas, no qual foi introduzido por meio das leituras realizadas através de artigos, livros, sites, entre outras fontes, assim, a pesquisa bibliográfica é essencial na construção do artigo elencado. Segundo Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa bibliográfica representa um apanhado dos trabalhos avaliados, o estudo da literatura propicia informações fundamentais para o enriquecimento do artigo, e fornecendo dados atuais com o propósito do tema.

Acerca da natureza do artigo, é estabelecido como uma pesquisa qualitativa, no que tange a preposição de discutir a realidade observada, bem como dar significado aos fenômenos que acontecem sem se preocupar com os dados estatísticos. Conforme assinala Mynaio e Gomes (2009), a pesquisa qualitativa consiste em analisar sobre uma abordagem dos fenômenos sociais em um determinado local, território, tempo, cultura entre outras questões, tendo como finalidade expor os resultados de maneira não quantificada.

Logo, o estudo em questão sobre o MST e Agroecologia foram estabelecidos sem a preocupação de serem expostos com dados numéricos, entretanto, se faz a ressalva de trazer alguns aportes estatísticos em que pudesse ser analisado e interpretado a sua exposição, no qual também propiciará um detalhamento minucioso das questões levantadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O MST EM CONTRAPOSIÇÃO À PRODUÇÃO AGRÍCOLA DO AGRONEGÓCIO

O MST surge em meio as relações socioeconômicas em que a agricultura brasileira perpassava na década 1970, a mecanização do campo, a implementação da monocultura da soja, casada com outras culturas como a do café e trigo nos estados do sul do Brasil, expulsaram do campo um contingente populacional enorme. Sendo assim, tais acontecimentos que estavam ocorrendo no agrário brasileiro nesta presente década, não poderiam passar despercebido pelos sujeitos que estavam vivenciando essa conjuntura.

A alternância da agricultura tradicional realizada pelos camponeses, para uma agricultura industrializada, não era bem-vinda perante os movimentos sociais do campo, tão pouco pelos trabalhadores rurais. Essa impulsão da modernização do campo, abre espaço para o adentramento do agronegócio no território brasileiro, bem como nos territórios dos camponeses que estão por todo o país.

Tal modelo é engegrado no prisma capitalista, onde os pequenos agricultores não tem vez, para a lógica explorativa do agronegócio, estes devem se submeter a ele. Dominam a tecnologia, modificam a forma de viver no campo, mudam os cultivos, todo o processo da produção agrícola. Segundo Oliveira (2007) o agronegócio é:

O agronegócio nada mais é do que um marco conceitual que delimita os sistemas integrados de produção de alimentos, fibras e biomassa, operando desde o melhoramento genético até o produto final, no qual todos os agentes que se propõem a produzir matérias-primas agropecuárias devem fatalmente se inserir, sejam eles pequenos ou grandes produtores, agricultores familiares ou patronais, fazendeiros ou assentados.” (OLIVEIRA, 2007, p. 148-149,).

Portanto, o entendimento a respeito de como atua o projeto do agronegócio no cenário brasileiro, se contrapõem as propositas que é estabelecida pelos movimentos sociais do campo para uma vivência harmoniosa neste território. O agronegócio em suas ações, produz alimentos geneticamente modificado, utilização de agrotóxicos, uso de fertilizantes e adubos químicos, assim, envenenando a produção agrícola, poluindo os corpos hídricos e o ar, bem como a exaustão do solo por parte das monoculturas.

Outras questões também se fazem presente neste modelo devastador, como no caso de menos mão de obra, produção para importação, concentração de terras, e perda da biodiversidade. Deve-se levar em consideração também os incêntivos por parte dos governantes para com este sistema, se torna cada vez mais impactante no seu avanço perante as regiões do Brasil, seja com a introdução da agropecuária no Centro-Oeste e Norte, ou com as monoculturas de soja, milho, cana de açúcar e entre outras que estão espalhadas pelo território brasileiro. Segundo Costa (2017):

O agronegócio, na realidade brasileira, na última década, tem se destacado com a expansão da produção agropecuária e o aumento das exportações de commodities e tem como características principais o uso intensivo de tecnologias, as pesquisas científicas inovadoras e as políticas oficiais de financiamento. (COSTA, 2017, p. 3)

Os investimentos destinados para o agronegócio pelo governo, fortalece este setor, pondo em risco a agricultura familiar e camponesa, a produção agrícola orgânica e a soberania

alimentar. Sendo assim, é necessário que os Movimentos Sociais do Campo em especial o MST articule seu campo de luta, para enfrentar o avanço predatório dos sistemas que estão transformando a dinâmica agrária do país.

Os processos produtivos do MST são baseados em torno da separação do sistema capitalista, com o intuito de não possuir vínculo com este sistema. A base agrícola do movimento é pautada nas questões que envolvem a agricultura familiar, a agroecologia, soberania alimentar com produtos de qualidade, diversidade de alimentos, convivência harmoniosa com o meio ambiente, empregar mais pessoas no campo e gerar renda para elas. Além do cultivo de orgânicos, é neste viés que se busca uma transformação social, na luta por um campo mais justo.

A PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA DO MST

A produção agroecológica do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), vem se ampliando sob uma perspectiva de reconstrução da natureza, diante dos impactos negativos ocasionados pelo modo de produção capitalista. A partir do incentivo de novas práticas e do resgate do conhecimento tradicional, tais mudanças são as tecnologias orgânicas de produção, como adubação verde, compostagem, triagem e cultivo própria de sementes, alternativas caseiras de controle de pragas e doenças, consorciamento, entre outras. Em relação ao método produtivo de alimentos Borsatto e Carmo (2012), cita o ponto de vista do MST:

“Deveremos estimular a prática agrícola sem a utilização de insumos externos ao lote, sem a utilização dos agroquímicos. Deveremos ao longo dos anos ir ajustando esta forma de produzir, evitando gastar dinheiro com adubos e venenos, com horas máquina, buscando utilizar mais e melhor a mão de obra disponível e desenvolvendo técnicas adaptadas a nossa realidade, evitando de nos intoxicar e de envenenar a natureza. Deveremos abrir para a criatividade da companheirada, produzindo uma nova matriz tecnológica.” (MST, 2000 *apud* BORSATTO; CARMO, 2012, p. 09).

Dessa forma, o modelo agroecológico passa a ser o principal discurso do movimento a partir dos anos 2000, incorporando valor à produção, e elegendo os conhecimentos locais dos indivíduos no uso da terra e no contato com a natureza. Visto que, as práticas agroecológicas são vivenciadas no cenário da agricultura pelas famílias do campo, e essa interação com o sujeito humano é o elemento primordial na complexa teia econômica, e para alcançar a soberania alimentar. Essa concepção a respeito da agroecologia pode ser observada na leitura de Leff (2002):

Constitui, em resumo, um conjunto de conhecimentos sistematizados, baseados em técnicas e saberes tradicionais (dos povos originários e camponeses) “que incorporam princípios ecológicos e valores culturais às práticas agrícolas que, com o tempo, foram desecologizadas e desculturalizadas pela capitalização e tecnificação da agricultura”. (LEFF, 2002, p. 42).

A partir de muitas lutas e conflitos sociais a organização das famílias Sem Terra conquistaram lotes de terra, onde garante o surgimento dos assentamentos da Reforma Agrária e permite que as mesmas possam habitar, produzir alimentos saudáveis e de forma abundante. Como resultado dessa organização, o modo de produção tradicional do MST organiza atualmente 190 associações, 160 cooperativas e 120 agroindústrias atuando em diferentes estados brasileiros, e em diferentes níveis de produção e comercialização. (MST, 2021).

As cadeias produtivas em destaque do movimento são representadas pelas culturas de feijão, leite, café, carne, mandioca, cacau, sementes, mel, cana-de-açúcar e arroz. Ao longo desses 35 anos, os assentados do Rio Grande do Sul tornaram-se os maiores produtores de arroz orgânico da América Latina, com destaque neste quesito para as produções do MST na região Sul e Sudeste do Brasil.

As regiões Norte e Nordeste se destacam com a produção do cacau, cultura esta de altíssima qualidade, advinda de muitos anos de resistência e inovação de práticas para a produção. Teve início na Bacia amazônica seguiu no Pará e se estendeu até o estado da Bahia, onde o cacau tem propriedades físicas exclusivas, fazendo com que o Brasil seja o maior produtor de cacau do planeta. Porém, é importante ressaltar a necessidade de investimentos em políticas públicas, para maior ampliação da cultura e manutenção do trabalho e renda dos camponeses.

Em relação a produção do leite, ao que consta no anuário do leite Embrapa 2019, a região Nordeste teve um crescimento relevante, destinando os estados da Bahia, Pernambuco e Ceará como os maiores produtores de leite da região, mesmo que a produção seja mais expressiva nos estados da região Sul e Sudeste. (MST, 2021).

Em contraposição ao agronegócio que invade principalmente a região Centro-Oeste do país com a produção de grãos de soja, agricultores do MST no estado do Mato Grosso do Sul tomaram a iniciativa de plantar soja orgânica, com o intuito de comprovar que a soja orgânica livre de agrotóxicos, é possível ser implementada no mercado interno do país.

No que tange a comercialização e renda por meio das lavouras, o que é produzido nos assentamentos é consumido pelas famílias, o excedente é comercializado nas feiras, mercados, e armazéns do campo, para assegurar o sustento das famílias assentadas. Bem

como comercializam seus produtos por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

Contudo, o objetivo do movimento vai além da produção e consumo, procura-se estabelecer a troca de conhecimentos entre os agricultores e consumidores levando a reflexão e mudança de hábitos e costumes, fazendo com que as pessoas tirem a “venda” dos olhos e compreenda a sua responsabilidade na dinâmica das relações sociais que acontecem desde a produção até a sua mesa. Logo, o MST traz uma militância pela democratização do sistema agrícola, pelo acesso a comida de qualidade, e uma produção agroecológica que possibilite o equilíbrio dos ecossistemas e da economia sustentável, buscando atender a todos que estão presente no território brasileiro.

A SOBERANIA ALIMENTAR POR MEIO DA AGROECOLOGIA

O domínio alimentício atualmente no Brasil e no mundo, estar nas mãos das grandes empresas e corporações transnacionais, elas dominam as sementes, a tecnologia, a comercialização dos produtos, a demanda de oferta dos mantimentos, enfim, toda a cadeia alimentar. Portanto, a soberania alimentar para alguns países é algo que estar de longe de acontecer, pois os mesmos não tem uma cultura voltada para a produção agrícola, e tão pouco forças para bater de frente com o capital. Logo, as mercadorias destes empreendimentos serão consumidas por essas nações e farão parte da cultura dos mesmos, dominando amplamente o mercado consumidor. Como afirmam Blas, Weaver e Mundy (2010), em reportagem publicada no *Financial Times* e reproduzida no jornal *Valor Econômico*:

“as maiores empresas alimentícias do mundo (Nestlé, Monsanto, Bunge, Dreyfus, Kraft Foods, Pepsi-Cola, Coca-Cola, Unilever, Tyson Foods, Cargill, Marte, ADM, Danone) controlam 26% do mercado mundial, e 100 cadeias de vendas diretas ao consumidor controlam 40% do mercado global” (BLAS; WEAVER; MUNDY, 2010).

Esses dados mostram o quão forte são essas empresas, e o poder que elas detêm no mercado mundial, deste modo, elas podem chegar e estar em qualquer lugar, seja por diferentes meios que os utilizam. Observa-se no Brasil a presença de muitas delas em vários setores, seja na agricultura, nos supermercados, nas redes de farmácias, entre tantas outras esferas. Sendo assim, é contundente apontar que mesmo o país tendo um potencial agrícola muito forte, a soberania alimentar não estar presente neste território, porque o mesmo não toma a decisão sobre o sistema agrícola que beneficie de forma positiva a todos.

Os projetos agrícolas se contrapõem no território brasileiro, há diferentes concepções a respeito da produção de alimentos. A produção agrícola defendida pelos movimentos sociais do campo, camponeses, trabalhadores rurais, entre outras entidades, é compreendido a partir da matriz agroecológica. De acordo com Souza, Santos, Bezerra (2012):

A Agroecologia surgiu nos anos 1970. Considera-se Agroecologia como a ciência ou campo de conhecimentos de natureza multidisciplinar, cujos ensinamentos pretendem contribuir na construção de estilos de agricultura de base ecológica e na elaboração de estratégias de desenvolvimento rural, tendo-se como referência os ideais da sustentabilidade numa perspectiva multidimensional. (SOUZA; SANTOS; BEZERRA, 2012, p. 2).

Nesta presente citação de Souza, Santos e Bezerra, observa-se claramente que a agroecologia é bem mais que uma mera alternativa agrícola, ela traz consigo todo um conjunto de valores, aos quais fazem parte do seu campo de abrangência. Como bem afirma Souza, Santos, Bezerra (2012 p. 5) a respeito da agroecologia, “sustentabilidade ecológica, a construção de relações justas e solidárias, com respeito às diversidades culturais, a distribuição equilibrada das riquezas, o consumo consciente e a comercialização justa, possibilitando uma vida digna na cidade e no campo”.

Deste modo, pode-se dizer que a soberania alimentar através desta matriz produtiva agroecológica, pode ser implementada no presente território brasileiro. Segundo Stedile e Carvalho (2012), *Soberania alimentar* é o conjunto de políticas públicas e sociais que deve ser adotado por todas as nações, em seus povoados, municípios, regiões e países, a fim de se garantir que sejam produzidos os alimentos necessários para a sobrevivência da população de cada local.

Isto posto, a soberania alimentar do Estado brasileiro perpassa por um projeto que vise atender as demandas sociais, econômicas, cultural, ambiental e saudável pela agroecologia. Esse conjunto de demandas não é vivenciado pelo modelo agrícola do agronegócio, tão pouco aceito pelo sistema capitalista de produção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Produzir alimentos saudáveis no Brasil, não é conduta que se apropria das grandes empresas que comandam o campo brasileiro, o agronegócio por sua vez ratifica ainda mais a produção inapropriada do alimentos, por meio de ações que trazem malefícia tanto ao ser humano, como ao ambiente natural. O uso de agrotóxicos, fertilizantes químicos, o modelo de

produção baseado na monocultura, entre tantas outras ações, trazem uma série de fatores negativos para o ambiente natural, bem como para o social.

Portanto, tais práticas precisam ser repensadas, qual é alimentação que queremos em nossa mesa. É possível refletir pensando além deste modelo que está posto no campo, tais perspectivas do agronegócio, do uso de agrotóxicos, perpassam pelos interesses das grandes corporações, as empresas nacionais, multinacionais e transnacionais, se aponderam do seu poder para implementar o seu modelo hegemônico e avassalador. Ou seja, existe por traz de toda uma estrutura vigente, uma burguesia agrária que comanda diversos setores. De acordo com Barros (2018):

A burguesia agrária é formada e identificada como a classe dominante, aquela que possui os meios de produção, ou seja, a terra, os recursos naturais, o capital agrário, capital agroindustrial, capital agrocomercial, capital financeiro e se organiza através de grandes empresas capitalistas que administram direta e indiretamente a produção agrícola de monocultura e mantém um número considerável de trabalhadores assalariados, que sustentam o processo de acumulação e reprodução capitalista. Esta apropria-se do trabalho excedente e da mais-valia. Essa classe se opõe ao campesinato, seus movimentos sociais, suas lideranças e suas organizações, através dos mais diversos instrumentos ideológicos de coerção e violência. (BARROS, 2018, p. 186).

Em virtude dos descasos existente no campo, como o modelo agrícola que estar inserido pela elite agrária, é necessário mudanças, e isto parte por um modelo que entre em contraposição ao atual sistema existente. Promover a inclusão de um novo sistema agrícola no território brasileiro não é fácil, se faz necessário muita luta, ainda mais como é o agrário no Brasil, cheio de conflitos por diferentes bandeiras. O MST tem um papel preponderante para romper com a estrutura vigente, ele se faz prevalecer do uso da agroecologia, este sistema produtivo lhe dá sustentabilidade para refutar a produção estabelecida pelo agronegócio, e promover benefícios para os camponeses e toda a sociedade brasileira.

A Tabela 1 traz uma comparação entre o Agronegócio e a Agroecologia, os dois sistemas são distintos, e têm diferentes finalidades, o agro é apoiado pelo sistema capitalista de produção, onde atende as suas vontades e seus anseios. A agroecologia é apoiada pelos pequenos agricultores, movimentos sociais do campo, agricultura familiar, soberania alimentar, produtos de boa qualidade e sem veneno, ou seja, ela estar voltada para que os camponeses e a sociedade possam viver bem a partir do seu sistema.

Tabela 1 – Agronegócio versus Agroecologia.

Agronegócio	Agroecologia
Monocultura	Cultivo diversificado
Alto custo de investimento	Baixo custo de investimento
Exportação	Mercado interno
Agrotóxicos	Fertilizantes Orgânicos
Transgênicos	Sementes crioulas
Latifúndio	Pequena, media e grande propriedade
Segurança Alimentar	Segurança Alimentar e Soberania Alimentar
Tempo do Capital	Tempo da Natureza

Org.:Leandro Neves Ribeiro. **Fonte:** NEMA (2008), MPA (2013); ALTIERI (2004) e SILIPRANDI

Uma das bandeiras de lutas do MST se pauta na soberania alimentar dos camponeses, bem como na busca por implementar um sistema agrícola que promova valores sociais, educacionais, uma reeducação alimentar na sociedade brasileira. Tais pontos, perpassam diante de um cenário desfavorável no campo brasileiro, mas em contrapartida, toda mobilização travada com os detentores do poder agrário, é com o intuito de romper com o atual sistema.

Conforme relata a Brasil de Fato (2017), dados da Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (Sead), apontam que a agricultura familiar é responsável por 70% do que se consome no país. Deste modo, quem abastece a mesa dos brasileiros são os pequenos agricultores, os movimentos sociais do campo, a agroecologia e a agricultura familiar, são os maiores responsáveis por atenderam a demanda alimentar do Brasil.

Sendo assim, o MST promove no território brasileiro uma diversidade enorme de produtos agrícolas, adequando ao lugar do cultivo, o tempo de produção, a utilização de insumos orgânicos, e respeitando o meio ambiente, bem como produzir em meio a variedade de alimentos com a natureza. Alguns alimentos se destacam na produção do MST, são produzidos em regiões diferentes do país, onde mostra o poder do movimento e da agroecologia, sendo eles saudáveis e de alta qualidade. Segundo a RedeBrasilAtual (2021):

Entre os principais expoentes da produção agroecológica do MST, figuram o arroz Terra Livre e os laticínios da Cooperoeste, do sul do país; a linha de conservas Nana Natus, de Goiás; os chocolates orgânicos Terra Vista, da Bahia; as cachaças mineiras Veredas, o Café Guaiú. São três assentamentos e 10 acampamentos do Quilombo Campo Grande (MG) dedicados à produção desse café orgânico de

qualidade reconhecida. Entre 2015 e 2020, a produção mais que quadruplicou de 2,3 mil sacas para 10 mil sacas. (REDEBRASILATUAL, 2021).

São dados que conferem de forma concreta o poderio que tais ações promovem, isto, deve ser alavancado, mesmo que haja muita conflitade no campo, tudo o que já foi conquistado de forma positiva deve ter continuidade, para superar as desigualdades existentes. Os camponeses, movimentos sociais do campo, bem como toda a sociedade brasileira devem se abastecer de alimentos de alta qualidade, sem veneno, que não haja exploração das pessoas, cultivo correto com o meio ambiente. Deste modo, é pensar no presente e no futuro social, ao modo de viver bem, e a soberania alimentar se fazer presente de forma correta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude do que foi mencionado, observa-se um cenário no campo brasileiro perante a questão alimentar posto de muitas dificuldades, os entraves ainda são grandes, o Estado brasileiro tem um poder agrícola enorme, mas não desenvolve de forma justa a produção de alimentos. É visto que o domínio agrícola, se dá em torno das grandes empresas, sejam elas, nacionais, multinacionais ou transnacionais, do agronegócio, no qual influenciam diretamente na cadeia produtiva alimentícia, engendrando o poder em torno delas e do capital.

Portanto, é necessário da continuidade, possibilidades e sustentação para a expansão do sistema produtivo defendido pelo MST, e por tantas outras entidades presente no campo. Para que tenham-se uma soberania alimentar, pessoas alimentadas de forma saudável, rompa com a exploração realizada pelo sistema capitalista, do agronegócio, e da elite agrária. Tais perspectivas ainda é motivo de muita luta, mas é necessário resistir e defender o que promove o bem, e assim, promover o conhecimento da luta por todo o território brasileiro.

REFERÊNCIAS

Barros, I. F. **O agronegócio e a atuação da burguesia agrária: considerações da luta de classes no campo**. 2018. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ssoc/a/Tw3vz4S59FgfcX6TPtHPyVv/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2021.

Blas, J.; Weaver, C.; Mundy, S. **Cresce o temor por oferta de alimentos**. *Valor Econômico*, São Paulo, 3 set. 2010. Disponível em: <http://www.valor.com.br/arquivo/845409/cresce-o-temor-por-oferta-de-alimentos>. Acesso em: 18 out. 2011.

BORSATTO, R. S.; CARMO, M. S. **A AGROECOLOGIA E SUA APROPRIAÇÃO PELO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST)**. Disponível em:

https://uniara.com.br/legado/nupedor/nupedor_2012/trabalhos/sessao_6/sessao_6A/01_Ricardo_Borsatto.pdf. Acesso em: 26 jun. 2021.

BrasildeFato. **Agricultura familiar é responsável por 70% dos alimentos consumidos no Brasil.** Disponível em: <<https://www.brasildefatorj.com.br/2017/11/02/agricultura-familiar-e-responsavel-por-70-dos-alimentos-consumidos-no-brasil>>. Acesso em: 02 jul. 2021.

COSTA, C. M. S. B. **AGRONEGOCIO E AGRICULTURA FAMILIAR:** modelos agrícolas de desenvolvimento que se contrapõem. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo10/agronegocioagriculturafamiliarmodelosagricolasdedesenvolvimentoquesecontrapoem.pdf>> Acesso em: 22 jun. 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

LEFF, E. Agroecologia e saber ambiental. *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 36-51, jan.-mar. 2002.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MINAYO, M. C. S.; GOMES, S. F. D. R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 28. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, -2009.

MST. **Nossa Produção.** Disponível em: <https://mst.org.br/nossa-producao/>. Acesso em: 01 jul. 2021.

MST. **Cadeia produtiva do leite é abastecida pela agricultura familiar no Brasil.** Disponível em: <<https://mst.org.br/2020/11/04/cadeia-produtiva-do-leite-e-abastecida-pela-agricultura-familiar-no-brasil/>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

NEMA. **Agroecologia: um caminho amigável de conservação da natureza e valorização da vida.** Rio Grande: NEMA, 2008.

OLIVEIRA, A. U. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária.** São Paulo: FFLCH, 2007, 184p.

REDEBRASILATUAL. **MST: Comida boa e sem veneno na mesa dos brasileiros. E na cozinha dos chefs.** Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2021/05/comida-boa-sem-veneno-mesa-brasileiros-cozinha-chefs/>>. Acesso em: 09 jul. 2021.

SOUZA, A. A.; SANTOS, P. C. T.; BEZERRA, O. M. P. A. **Agroecologia.** Centro Colaborador em Alimentação e Nutrição do Escolar CECANE/UFOP. 2012.

STEDILE, J. P.; CARVALHO, H. M. Soberania alimentar. In: CALDART, R. S. et al. (Org.) **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. 788p.